

UNIESP

•• União de Escolas Superiores Paraíso ••

www.uniespmg.edu.br - (35) 3558 6261

ISEP

•• Instituto Superior de Educação Paraíso ••

UNIÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE PARAÍSO

OS BENEFÍCIOS DA APRENDIZAGEM EM GRUPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: MILZA APARECIDA DA SILVEIRA DA SILVA

ORIENTADORA: ANA CRISTINA IOZZI

São Sebastião do Paraíso/MG
2009

OS BENEFÍCIOS DA APRENDIZAGEM EM GRUPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MILZA APARECIDA DA SILVEIRA DA SILVA

Monografia apresentada à UNIESP -
União de Escolas Superiores Paraíso,
como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Esp. Ana Cristina
Iozzi

São Sebastião do Paraíso/MG
2009

OS BENEFÍCIOS DA APRENDIZAGEM EM GRUPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista ao meu querido pai , seu sonho hoje torna-se realidade, por esta minha conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tem me dado força para vencer mais esta etapa de minha caminhada;

Ao meu querido esposo pela compreensão e convivência, que foram essenciais para minha evolução profissional;

Aos meus filhos que são a razão de minha existência;

Aos meus colegas de trabalho e estudo, que muito contribuíram nesta jornada;

Á minha professora Ana Cristina Iozzi, que muito me ajudou neste estudo, enfim agradeço minha querida mãe, exemplo de amor e dedicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1-CONCEITOS DE APRENDIZAGEM EM GRUPO.....	8
1.1 Definição de Aprendizagem em grupo no ensino infantil.....	8
1.2 Educação um processo coletivo e de socialização.....	11
1.3 Educação em grupo: uma metodologia que facilita a aprendizagem.....	14
1.3.1 O momento teórico de reflexão da prática.....	21
2- BASES TEÓRICAS.....	23
2.1 O desenvolvimento cognitivo na infância.....	23
2.2.1 Senso Motor.....	24
2.2.2 Estágio Pré-Operatório.....	25
2.2.3 Operações concretas.....	26
2.3 Pressupostos da aprendizagem em grupo.....	27
3- DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
3.1 Principais componentes da aprendizagem coletiva.....	32
3.2 Principais métodos da aprendizagem e trocas de experiências.....	32
3.2.1 Trabalhando a dinâmica de grupo.....	33
3.2.1.1 Aluno-aluno.....	33
3.2.1.2 Professor-professor.....	34
3.2.1.3 Professores-Pais.....	34
3.2.1.4 Escola-Alunos.....	41
CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

RESUMO

O trabalho em equipe, um termo que se emprega com freqüência nas salas de aula, depende da organização e desenvolvimento das atividades que os professores mantenham. Quando trabalhado de forma adequada contribuí para o desenvolvimento do grupo e também de cada um dos alunos. Buscou-se identificar neste trabalho os benefícios que a aprendizagem em grupo proporciona no ensino infantil, através de estudo de fontes que podem auxiliar este trabalho na sala de aula. Através de interpretações bibliográficas, analisar-se-á o tema aqui proposto como forma de auxiliar na melhoria da aprendizagem das crianças.

Palavras-chaves: Equipe, ensino infantil, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este trabalho fundamenta-se na importância de entender como vem sendo organizado o trabalho em grupo nas salas de aula, no ensino infantil e das contribuições que esse mesmo pode refletir na aprendizagem dos alunos.

Justificativa-se também pela importância de se analisar as atividades voltadas para trabalho de forma coletiva para uma melhor aprendizagem no ensino infantil.

A educação pode ser entendida como uma ação cooperada. Isso significa dizer que, tendo em vista a aprendizagem como um processo cooperativo de descoberta do conhecimento, esse só ocorre como resultado de uma socialização, uma construção coletiva. Este estudo servirá como modelo de pesquisa para melhor conceituação sobre o tema.

Os objetivos aqui propostos foram os seguintes: Buscar interpretar a educação como um processo de socialização; analisar os métodos para se trabalhar com a aprendizagem no coletivo; descrever os desafios e as perspectivas de se trabalhar na educação infantil com grupos e trocas de aprendizagem e experiência.

Através de interpretações bibliográficas, analisar-se-á o tema aqui proposto como forma de auxiliar na melhoria da aprendizagem das crianças. Utilizando de comparações em diversas bibliografias e também das reflexões que possam fazer através dos questionamentos dos autores.

CAPÍTULO I

CONCEITOS DE APRENDIZAGEM EM GRUPO

O trabalho em equipe, um termo que se emprega com frequência nas salas de aula, depende da organização e desenvolvimento das atividades que os professores mantenham.

Trabalhar em equipe é um modelo que vem sendo seguido e tem se modificado ao longo do tempo, agora se tem dado mais valor à aprendizagem cooperativa, isto é, um grupo de alunos trabalham em equipe e o resultado deste trabalho deve refletir que todos e cada um deles tenham trabalhado com a informação de igual maneira.

Sabemos que este seria o modelo ideal, porém quando o trabalho não foi recíproco, que fazer? Os professores devem orientar seus alunos a adquirirem destrezas sociais cooperativas que tenham como resultado a habilidade de trabalhar em grupo.

1.1 - Definição de Aprendizagem em grupo no ensino infantil

A Educação Infantil vem se constituindo enquanto espaço de inúmeras discussões; a cada dia cresce o número de trabalhos que se propõe a refletir sobre essa fase.

Mas infelizmente ainda encontramos muitas lacunas no modo como essa educação vem sendo desenvolvida na prática. Nesse sentido é que nos propomos a apresentar algumas sugestões de como podemos explorar essa fase fundamental na formação das crianças.

Segundo (BARROS,1998):

Não temos a pretensão de fornecer receitas, mas sim de listar algumas alternativas que possibilitem o professor dar alguns passos em direção a um ensino de qualidade, já que desde a Educação Infantil podemos auxiliar na formação de cidadãos menos individualistas e mais críticos e participativos na sociedade.

Um destes passos é o desenvolvimento de trabalhos em grupo na sala de aula com os alunos.

O ensino a partir de trabalhos em grupo ou equipe é, pois uma proposta metodológica de organização do trabalho da sala de aula com os alunos em grupos de estudo.

O professor coordena a ação dos alunos de tal forma que sejam alcançados os objetivos gerais e específicos da disciplina e do aprendizado, desenvolvendo valores e habilidades.

A aprendizagem em grupo funciona como um pano de fundo para a aplicação de diversas estratégias que envolvam interação social, desenvolvendo competências e habilidades, dinâmicas de grupos, interdependência positiva, responsabilidade individual e de grupo e a participação igualitária.

“A aplicação de Aprendizagem Cooperativa está ligada em grande parte à sua adaptabilidade e flexibilidade diante de tal forma que os alunos trabalhem junto para maximizar o aprendizado próprio e a dos outros” (DIAZ, 2003 p.5).

Os alunos frequentemente estudam em grupos pequenos e heterogêneos esforçando-se para o sucesso de todos, procurando beneficiar a si mesmos, bem como aos demais para que o sucesso seja celebrado por todos.

Ao vivenciarem as recompensas, são avaliados em aspectos de comparação de desempenho em critérios globais, incluindo sua interação com os demais.

Os processos e estratégias colaborativas integram uma abordagem educacional na qual os alunos são encorajados a trabalhar em conjunto no desenvolvimento e construção do conhecimento.

“A aprendizagem em grupo ou colaborativa é baseada num modelo centrado no aluno, promovendo a sua participação dinâmica nas atividades e na definição dos objetivos comuns do grupo”. (CARVALHO, 2000, p. 30).

Aprendizagem em grupo , está sendo bastante usadas nos dias atuais no meio escolar, por se tratar de uma proposta metodológica de organização do

trabalho em grupos de estudos, em que há possibilidade de todos cooperarem tornando o processo ensino aprendizagem acessível a todos, onde os fortes ajudam os mais fracos, sem competição e individualismo.

O ensino através passado para equipes é pois uma proposta metodológica de organização do trabalho da sala de aula com os alunos trabalhando em grupos de estudo.

O professor coordena a ação dos alunos de tal forma que sejam alcançados os objetivos gerais e específicos da disciplina e do aprendizado, desenvolvendo valores e habilidades.

O trabalho em grupo no ensino infantil ajuda no desenvolvimento do intelecto, e também na capacidade socialização, problemas que são encontrados constantemente com alunos na educação de nosso país.

O professor passa as coordenadas do trabalho e deixa que o grupo desenvolva, controlando a ordem e a disciplina.

LIBANÊO coloca este tipo de trabalho deve se trabalhar com um objetivo a ser alcançado por isso dele define que os passos básicos do método são:

Colocar o aluno numa situação de experiência que tenha um interesse por si mesmo; O problema deve ser desafiante, como estímulo à reflexão; O aluno deve dispor de informações e instruções que lhe permitam pesquisar a descoberta de soluções. (LIBANÊO, 1995, p.26).

O professor também deve estruturar os conteúdos a serem trabalhados de tal forma que os alunos trabalhem juntos para alcançar alvos compartilhar a organização e à superação de problemas.

Ao superar problemas e comparar sua maneira de se organizar com a estrutura de funcionamento das demais cooperativas, os alunos se tornam críticos do cooperativismo tradicional e defensores de um “outro cooperativismo”. Além disso, ao participar de decisões e da organização de seu próprio trabalho, o grupo de alunos potencializa a democracia.

Os problemas na convivência, que passam a ser colocados em evidência através da prática cooperativa, constituem a base da socialização do grupo e a construção de soluções coletivas para avançar na organização é um exercício permanente de democracia.

No cooperativismo chamamos isso de autogestão: um processo de organização em que o próprio grupo associado decide sobre as suas ações.

Portanto, a autogestão é o princípio de organização dos alunos e a autonomia gerada no processo desperta para a crítica do cooperativismo tradicional.

A organização e o diálogo são condições para a autogestão e, como esses dois aspectos não são valorizados nas cooperativas tradicionais, constituem-se em alvo da crítica dos alunos.

1.2 - Educação um processo coletivo e de socialização

O processo de socialização que ocorre do zero aos sete anos representa uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano.

A socialização do aluno é um processo gradual, que deve ser construído nos diversos ambientes em que as crianças e os adolescentes estão inseridos. Vários fatores são determinantes para que este processo ocorra: educação familiar, acesso à educação formal, convívio com outros grupos sociais - parentes, vizinhos, igreja, acesso à cultura, entre outros.

Fatores biológicos, questões culturais, histórico familiar (hereditariedade e referencial de educação), condição sócio-econômica e condições adequadas de saúde também interferem neste processo.

Os fatores biológicos vêm sendo investigados por profissionais de saúde mental e têm forte influência no padrão de comportamento do indivíduo.

Outros fatores que norteiam e promovem o processo de socialização são: as condições de saúde mental da criança e de seus familiares, a construção de vínculo afetivo, a valorização do potencial da criança, o suporte emocional, a referência moral e ética de comportamento, a presença efetiva e adequada das figuras parentais e a segurança física e emocional.(DÍAZ,2003).

A escola detém uma importante parcela na construção deste processo, pois oferece ao aluno a oportunidade de vivenciar situações tanto de “conforto” social como de desafio, colocando à prova suas habilidades sociais.

A socialização e o processo de aprendizagem caminham juntos. Quando uma está comprometida, a outra tende a sofrer prejuízos, pois a motivação, atenção e memória são pré-requisitos para ambas.

É um grande desafio para os alunos tentar aprender em uma classe que apresenta um nível acentuado de conflitos, onde o professor tenta gerenciar a manutenção da ordem sem conseguir atender ao conteúdo curricular.

Diante desta situação, encontram-se estudantes insatisfeitos, com seu potencial subutilizado, e professores desgastados, temerosos e com a saúde física e emocional comprometidas.

A construção do conceito de coletividade, o desenvolvimento da tolerância à frustração, a descoberta de formas saudáveis de resolver problemas e conflitos, o descobrirem do “gostar de aprender” são, ao mesmo tempo, desafios e ferramentas à disposição da escola.

Uma das maneiras de tornar um aluno questionador e crítico, muitas vezes mal visto pelo educador, em um parceiro na sala de aula é oferecendo espaço e atenção, além de motivação.

O professor deve valorizar o saber desse aluno, instigar sua curiosidade, propor diferentes formas de aquisição do aprendizado e estimular a pesquisa e investigação.

Toda educação recebida pela criança, durante esse período, é muito significativa para o desenvolvimento futuro do sujeito social.

Esse conceito é compartilhado por muitos pesquisadores e estudiosos do desenvolvimento humano (Freud, Piaget, Erikson, Berger & Luckman, entre outros).

Ocorre, nessa etapa da vida, a primeira socialização do indivíduo - socialização primária: “(...) a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (Berger & Luckman, 1976, p. 175).

Ou seja, numa relação dialética homem/sociedade, o novo membro da sociedade interioriza um mundo que lhe é apresentado com uma configuração já definida, construída anteriormente à sua existência. Interagindo com outros, a criança aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social.

E assim, por meio das experiências vividas, a criança vai paulatinamente compreendendo o mundo e interiorizando as regras afirmadas pela sociedade. A família e a escola serão os mediadores primordiais durante este processo, apresentando e significando o mundo social.

As atitudes e comportamentos sociais futuros da criança não serão obrigatoriamente cópias fiéis das atitudes e comportamentos de seus mediadores.

Mas isto não significa diminuir o papel dos mediadores, nem desconsiderar o fato de as crianças se identificarem com os seus familiares: pais, irmãos mais velhos

e outros adultos. Elas podem, inconscientemente, copiar a conduta do adulto exatamente como elas vêem o adulto atuando à sua volta. Como aponta Pereira:

É de conhecimento comum que a socialização em sociedades complexas, como a brasileira, se dá de forma espontânea e sistemática. A espontânea, como se sabe, apanha o indivíduo ao nascer e o envolve até a morte. As agências corriqueiramente citadas como responsáveis por esse processo socializador confundem-se com os chamados grupos primários em diferentes graus de institucionalização e, às vezes, com distintas metas sociais (...). A essa relação de grupos são costumeiramente incluídos, também, desde agências tradicionais formadoras de opinião, como por exemplo, a igreja e a imprensa, até os mais persuasivos e modernos mecanismos de comunicação social, como o cinema, o rádio e a tevê, que influenciam e moldam pessoas e grupos sociais atuando tanto em ambientes fechados como em locais públicos. Para usar uma expressão, ao mesmo tempo tipológica e simbólica, tais mecanismos estão presentes tanto na casa como na rua(grifo do autor) (BARROS,1998).

A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo.

Toda essa nova experiência pode ser muito positiva para o desenvolvimento da criança, o que caracteriza as creches e pré-escolas como um espaço importante para o desenvolvimento da criança.

As instituições de Educação Infantil organizam e formalizam uma aprendizagem já iniciada na família e que vai ter continuidade nas suas experiências com a sociedade. Assim, não só a família se torna responsável pela aprendizagem da vida social, embora represente, inicialmente, o elo mais forte que liga a criança ao mundo.

Ou seja, nem sempre os conhecimentos valorizados pelo grupo familiar são os mesmos valorizados e reconhecidos pela escola e vice-versa. Logo, os valores, as normas e as crenças inculcadas na criança podem diferir nas instituições educativas. O mesmo equivale para atitudes e comportamentos que também podem ser vistos e analisados de diferentes formas.

O que para a escola pode representar um problema ou um momento de conflito, no interior do grupo familiar pode representar, apenas, parte do modo habitual da vida do grupo.

Problemas não encontrados pela criança no grupo familiar poderão ser encontrados no cotidiano escolar. Conseqüentemente, a ausência de relação entre a

família e a escola impossibilita, a ambas as partes, a realização de um processo de socialização que propicie um desenvolvimento sadio.

Coloca em jogo não só o mundo a ser interiorizado pela criança, mas, principalmente, o seu lugar nesse mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência, pois:

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros.

1.3 Educação em grupo: uma metodologia que facilita a aprendizagem

A prática cooperativa dos alunos e o processo de reflexão sobre sua atividade conduz à crítica da sua organização e à superação de problemas.

Ao superar problemas e comparar sua maneira de se organizar com a estrutura de funcionamento das demais cooperativas, os alunos se tornam críticos do cooperativismo tradicional e defensores de um “outro cooperativismo”. Além disso, ao participar de decisões e da organização de seu próprio trabalho, o grupo de alunos potencializa a democracia.

Os problemas na convivência, que passam a ser colocados em evidência através da prática cooperativa, constituem a base da socialização do grupo e a construção de soluções coletivas para avançar na organização é um exercício permanente de democracia.

“No cooperativismo chamamos isso de autogestão: um processo de organização em que o próprio grupo associado decide sobre as suas ações”. (DIAZ, 2003, p.23).

‘Portanto, a autogestão é o princípio de organização dos alunos e a autonomia gerada no processo desperta para a crítica do cooperativismo tradicional.

A organização e o diálogo são condições para a autogestão e, como esses dois aspectos não são valorizados nas cooperativas tradicionais, constituem-se em alvo da crítica dos alunos.

No que se referem à afetividade, os alunos têm atribuído um valor importante à amizade e à oportunidade de se encontrar em grupo.

Isso pode ser interpretado como uma necessidade dos alunos que encontram poucos momentos na escola para conversar sobre problemas, expectativas e sentimentos.

As práticas cooperativas são destacadas como espaço de diálogo, convivência e partilha de sentimentos.

A aprendizagem de habilidades no trabalho e a utilização de tecnologias são apresentadas como resultados positivos da prática cooperativa.

Além disso, o trabalho coletivo desenvolve o exercício da autogestão, vivência da democracia, convivência com as diferenças, superação de preconceitos, consciência do coletivo e capacidade de liderança.

Essas características resultantes da convivência em grupo são consideradas como importantes para a vida dos alunos e justificam sua motivação para a participação em outros grupos na sociedade. Além disso, as práticas cooperativas desenvolvidas servem de referência para integrar conteúdos das diversas disciplinas trabalhadas na escola. (CARVALHO,2000).

Os resultados econômicos das cooperativas de alunos são geralmente investidos em atividades de formação, viagens e festas.

A sua expectativa é constante no decorrer da atividade, o que pressupõe uma preocupação do grupo com os custos, o investimento, a comercialização, a remuneração do trabalho e a viabilidade econômica do empreendimento.

A demonstração de sucesso em sua iniciativa também constitui um elemento de motivação diante da comunidade em que os alunos estão inseridos, valorizando seu trabalho em grupo.

O trabalho cooperativo, como prática de convivência dos alunos, além de permitir a satisfação de necessidades, construção de conhecimento e resultados econômicos, motiva para a necessidade de organização social e política dos alunos.

Ao trabalhar coletivamente, os alunos relacionam-se entre si e com a natureza, gerando novas formas de convivência, o que influencia na construção da personalidade humana.

A consciência de si mesmo depende da consciência do outro e, através da relação cooperativa, ambos se encontram e aprendem mutuamente. A superação de diversos paradigmas educacionais ocorreu pela contraposição de propostas. A

contradição do embate de propostas, portanto, resultou em progressos no processo pedagógico.

Entretanto, a ideologia e os projetos de sociedade aparecem intrínsecos aos paradigmas da educação, visto que o espaço educativo apresenta um grande potencial de manutenção ou de transformação das estruturas sociais.

Nesse texto, estaremos apresentando basicamente duas propostas para a educação: uma competitiva e outra cooperativa. A opção de cada escola por uma ou outra abordagem leva em conta seu compromisso com determinados valores que, com o decorrer do tempo, produziu determinadas concepções que são apresentadas como consenso em cada realidade local.

Os mecanismos de competição estão presentes em muitos momentos da prática educativa. Podemos afirmar que as idéias de “superioridade” e “competência”, tão propagadas na ideologia liberal, são interpretadas como relativamente consensuais por muitas pessoas e se constituem na perspectiva da competitividade. O que muitas vezes não aparece com muita evidência é que, seguindo a lógica competitiva, necessariamente teremos como consequência a exclusão. Se é necessário competir para “ser algo”, nessa compreensão já está presente, também, a idéia de que nem todos poderão “sê-lo”. (DÍAZ,2003).

Assim, em termos concretos, num grupo que aceita a lógica competitiva, essas pessoas alimentam a ilusão de poderem ser o que já está claro que não será válido para todos. Mas, enquanto cada pessoa, individualmente, não imagina a perspectiva da sua própria exclusão, o conjunto segue competindo.

Essa é uma evidência lógica importante para percebermos a contradição da idéia da competição, se apresentada como parte integrante de uma prática educativa.

Em termos de atividades educativas, são muitos os momentos em que a lógica da competição se manifesta. Pode-se citar algumas para exemplificar: os jogos e brincadeiras onde se terá vencedores e perdedores, gincanas, festivais, as notas classificativas que diferenciam os alunos em termos de “capacidade”, a preparação para o vestibular (processo altamente competitivo, portanto excludente), concursos de leitura, de redação, de horta escolar, de beleza, enfim, grande parte do sentido da educação voltada para a inserção dos educandos no mercado de trabalho capitalista.

Os exemplos demonstram como essas atividades existem no trabalho de muitas escolas e, com certeza, muitos já passaram por elas e, geralmente, com elas concordaram sem questionar plenamente o seu sentido.

É evidente que isso não acontece somente nas escolas, mas também nelas, onde o espaço da reflexão crítica poderia ser privilegiado, a reprodução de idéias competitivas é muito forte.

No contexto atual, a competição passa a ser vista como uma luta dos que se situam como excluídos das condições básicas de sobrevivência pela sua inclusão numa realidade, as quais, entretanto, constituem direitos básicos do ser humano. Assim, por um lado, a luta por mínimas condições de vida, e por outro lado, a disputa pelo “luxo”, como diferenciação em relação aos outros (idéia de superioridade), ambas impregnadas pela lógica competitiva nos tempos modernos.

A idéia do crédito, na França, referia-se à possibilidade de empréstimos financeiros concedidos a determinadas pessoas, que se identificavam como ricas. Não era o rei que determinava e, nem sempre, a própria riqueza dos privilegiados, mas a opinião que predominava e garantia esta diferenciação na sociedade (ANDRIOLI, 1998, 43).

Essa crítica aos conceitos diferenciados atribuídos aos indivíduos na sociedade é importante para entendermos as seguidas refutações que Rousseau confere às opiniões dos homens, que estão diretamente ligadas ao desejo de ser mais que os outros, predominante entre os seres humanos no estado civil, ou então, o amor-próprio: “O amor-próprio vive da comparação, é o desejo de ser valorizado por outrem a um preço tão alto quanto o que se atribui a si mesmo, e está condenado a ser infeliz, já que todos possuem o mesmo amor-próprio e o mesmo desejo.

O amor-próprio sabe que não pode ser satisfeito e odeia os outros pelo amor-próprio deles. Alimenta na alma a preferência infeliz por si mesmo e o ódio imponente aos outros. O homem de tal sociedade só vive pelo olhar dos outros, a quem odeia” (MANENT, 1990: 109).

O grande desafio, portanto, é o de contrapor à competição uma outra lógica que a supere qualitativamente, tanto no trabalho com os alunos como na sociedade.

A educação pode ser entendida como uma ação cooperativa. Isso significa dizer que, tendo em vista a aprendizagem como um processo cooperativo de descoberta do conhecimento, esse só ocorre como resultado de uma socialização, uma construção coletiva.

Coerente com a afirmação de Sara Paim de que “todo o conhecimento é o conhecimento do outro”, entendemos que a própria identidade do sujeito humano depende da existência de outras pessoas, pois é na relação com os outros que o ser humano se reconhece enquanto individualidade (PAIM, 1992).

É na medida que os outros não nos compreendem espontaneamente, e que nós, da mesma forma, não os compreendemos, que nos esforçamos para modelar nossa linguagem de acordo com os mil acidentes que criam essa inadaptação e nos tornamos aptos para a análise simultânea dos outros e de nós mesmos” (PIAGET, 1967, p. 201).

O conhecimento não se constrói na reflexão isolada, ou no interior de uma consciência, mas de forma dialógica, processual, tendo como referências básicas o grupo e a linguagem usual” (MARQUES, 1993).

Um dos aspectos principais a ser analisado na educação baseada na razão instrumental é a criação de currículos escolares que colocam as disciplinas como auto-suficientes e isoladas umas das outras: a fragmentação do conhecimento e seu afastamento da complexa problemática das relações sociais.

Outro aspecto importante é o isolamento do processo de construção do conhecimento do seu ensino. É necessário, portanto, que na atividade própria da pesquisa se tenha ciência de como se dão os processos de aprendizagem e, enquanto educadores, possamos compreender como ocorre a produção do conhecimento nas ciências.

Assim, o trabalho de pesquisa está sendo feito com vistas à aprendizagem e a própria aprendizagem se produz através da pesquisa. Permanecem dois momentos, mas interrelacionados, ou seja, o pesquisador pesquisa para aprender e fazer aprender e a aprendizagem acontece enquanto o conhecimento é produzido: se aprende produzindo conhecimento.

Nessa compreensão de educação, tanto a interdisciplinaridade como a interlocução estão inerentes a um trabalho que tem como propósito a construção do conhecimento.

A aprendizagem, segundo Marques “é construção coletiva assumida por grupos específicos na dinâmica mais ampla da sociedade, que por sua vez, se constrói a partir das aprendizagens individuais e grupais. (...)”. (CARVALHO,2000).

Não se ensinam ou aprendem coisas, mas relações estabelecidas em entendimento mútuo e expressas em conceitos que, por sua vez, são construções históricas, isto é, nunca dadas de vez, mas sempre retomadas por sujeitos em interação e movidos por interesses práticos no mundo em que vivem.

O fato de estarmos utilizando a idéia do cooperativismo, entretanto, não nos coloca na condição de justificadores das experiências cooperativas que existem.

Pelo contrário, uma proposta de educação cooperativa deve se colocar como crítica às cooperativas. Inclusive essas instituições, cooperativas, enquanto empresas, só poderão ter coerência com os ideais que representam, enquanto teoria do cooperativismo, se fizerem uma profunda autocrítica de suas práticas.

O fato de estarmos colocando elementos do cooperativismo na construção da proposta de educação cooperativa em escolas se justifica pelo entendimento que temos da relevância social e educativa de sua teoria. Portanto, estamos nos referindo à teoria e prática do cooperativismo como uma forma de ser e viver em sociedade. “O cooperativismo se situa na linha do ‘dever ser’, não numa dimensão impositiva, mas como um apelo às consciências para optarem por uma proposta comportamental, na sua atividade econômica e social, que conduza a uma sociedade e a um sistema econômico alternativo, mais solidário, justo, autônomo, democrático e participativo. (CARVALHO,2000).

“Os valores, princípios e normas que propõe são um paradigma que ajuda a orientar a ação dos cooperadores, no seu empenho em prol da realização dos objetivos da cooperação” (SCHNEIDER, 1993).

Nesse sentido, também entendemos que o cooperativismo se apresenta como uma prática social que pode se adaptar a várias ideologias e compreensões de educação.

No entanto, mantemos uma unidade no entendimento de que é contrária à sociedade capitalista e aos seus diversos mecanismos de opressão. Com esse

entendimento, a sua ação está engajada e comprometida com a construção de novas relações sociais entre as pessoas.

Concretamente, isso se expressa nas experiências práticas realizadas em escolas, desenvolvendo com os alunos e a partir desses, atitudes de resgate da cooperação e da solidariedade em contraposição aos valores do individualismo e da competição, típicos da cultura de nossa época.

Temos, portanto, na prática cooperativa dos alunos a maior referência para uma proposta de educação cooperativa, tendo em vista que é na relação concreta entre os sujeitos sociais que se constrói a consciência social ou, especificamente em nossa abordagem, a consciência cooperativa.

Compreendemos que um dos primeiros momentos da superação do individualismo e da competição é a consciência dos alunos de que realmente são individualistas e competitivos. Afirma Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que os seres humanos, “somente na medida em que se descubram ‘hospedeiros’] do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora” (FREIRE, 1982).

Em seguida, Freire observa que, “quase sempre, num primeiro momento desse descobrimento, os oprimidos, em vez de buscar a libertação na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores.

Em algumas das experiências isso parece ter sido superado e foi possível construir a autonomia do grupo, com a correspondência da prática, apesar e em função dos muitos problemas para que isso acontecesse, ao que o grupo almejava enquanto cooperativa.

Observa-se que nos grupos onde ocorreu uma efetiva discussão dos problemas, de forma que as contradições se tornaram evidentes (desveladas), houve maior progresso.

Nos grupos que ignoraram ou não se propuseram a gerar conflitos e trabalharam de uma forma apenas idealista, verificamos discursos que reforçavam seu trabalho mas não se sucederam progressos no sentido da superação de preconceitos. Nessas experiências percebe-se, inclusive, um reforço aos preconceitos existentes.

Como afirma Gadotti, “não há duas escolas iguais, cada escola é fruto do desenvolvimento de suas contradições”. (GADOTTI, 1999).

(...) A educação para a cidadania dá-se na participação no processo de tomada de decisão”. (Idem: 12, 49). Além da oportunidade dos alunos terem os seus próprios espaços de decisão, em forma de experiência cooperativa, as escolas poderiam oferecer maiores condições efetivas de participação aos alunos nas decisões que dizem respeito à escola.

A opção pela educação cooperativa, portanto, pressupõe para a escola o desafio de abandonar o “medo da democracia” e de afirmar seu compromisso com a construção de um processo de crescente inclusão e participação, que culmine com a conquista de maior liberdade.

Todas as relações entre seres humanos são relações de poder; a saída para o problema está na forma como concebemos e nos relacionamos com o poder. Nesse sentido, a educação cooperativa, como proposta multidisciplinar, baseada na ação coletiva e a na constante reflexão crítica sobre experiências concretas de alunos, pode oferecer elementos importantes para a construção de uma educação baseada na solidariedade e na transformação das relações sociais geradoras de opressão, competição, exclusão, alienação e preconceito.

1.3.1 O momento teórico de reflexão da prática

A educação e o cooperativismo são práticas sociais. Ambas são frutos da cultura, da sociabilidade e do relacionamento humano.

Seu surgimento é decorrente de necessidades que os seres humanos desenvolveram ao longo da história, dos desafios que mulheres e homens encontraram para resolver problemas da sua vida.

O início da aprendizagem decorre do ato cooperativo inicial em que, diante de problemas concretos, os seres humanos construíram coletivamente suas soluções

Nesta perspectiva, a aprendizagem é um processo cooperativo e a cooperação se torna um permanente processo de aprendizagem: a práxis da convivência humana

A práxis é o processo em que, a partir da materialidade, a consciência humana reflete a prática e produz uma nova forma de intervenção na realidade, continuando o movimento numa nova abstração da realidade e assim sucessivamente. É isso que conceitualmente foi denominado como Teoria Dialética do Conhecimento. A educação é precisamente o momento teórico de reflexão da prática, embora se converta em prática ao ser desenvolvida. Podemos compreender assim a importância do uso das categorias teóricas para entender uma prática e, conscientemente, transformá-la.(BARROS, 1998).

No caso das cooperativas de alunos, o momento teórico de reflexão da prática do cooperativismo é a sua atividade educativa.

A forma como acontece a prática, sua organização em forma de autogestão, é o que permite a formação da consciência, como base real sobre a qual opera o movimento de reflexão e surgimento da contradição.

As práticas cooperativas construíram conhecimento nos momentos em que os alunos teorizaram sobre suas ações e a nova prática desencadeada gerou o processo de aprendizagem que continua em movimento.

Num primeiro momento, as experiências cooperativas ocorrem num contexto em que a forma como estas são desenvolvidas se cruza com a compreensão de cooperativa que os alunos já possuem anteriormente.

Em seguida, a intervenção teórica produzida sobre a prática se constitui no principal momento educativo, de explicitação dos conflitos e provocação de rupturas

E, por último, as mudanças operadas nas práticas, em decorrência da reflexão teórica, são os produtos históricos que serve de base para o desenvolvimento de novas práticas futuras.

Essas práticas de cooperação, ou melhor, trabalhos desenvolvidos em grupo são essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem da educação infantil, que é o primeiro degrau no meio escolar do aluno.

Com um bom controle do professor, utilizando o método adequado e tratamento igual ao grupo auxilia na capacidade de raciocínio dos educandos e também na construção da sua identidade.

CAPÍTULO II

BASES TEÓRICAS

2.1 O desenvolvimento cognitivo na infância

Desenvolvimento cognitivo é processo interno, mas pode ser observado e medido através das ações e verbalização da criança.

Não há um único conjunto de instruções aos pais que assegure resultados perfeitos quando seguido à risca. Inúmeras variações e experiências humanas que não fazem parte de qualquer teoria em particular integram as ações dos pais, o que torna impossível e não inteligente tentar seguir somente um método de educação infantil.

Isso não significa que os pais não devem se interessar pelas descobertas dos pesquisadores dessa área. Quanto mais informados os pais estiverem, mais capazes eles serão para escolher, entre as muitas atitudes e pontos de vista dos especialistas, as que acreditam que funcionarão para eles e serão compatíveis com seus temperamentos e estilos de vida.

Até o início do século XX assumia-se que as crianças pensavam e raciocinavam da mesma maneira que os adultos.

A crença da maior parte das sociedades era a de que qualquer diferença entre os processos cognitivos entre crianças e adultos era sobretudo de grau: os adultos eram superiores mentalmente, do mesmo modo que eram fisicamente maiores, mas os processos cognitivos básicos eram os mesmos ao longo da vida.

Segundo PULASKI, Piaget define que:

(...) a partir da observação cuidadosa de seus próprios filhos e de muitas outras crianças, concluiu que em muitas questões cruciais as crianças não pensam como os adultos. Por ainda lhes faltarem certas habilidades, a maneira de pensar é diferente, não somente em grau, como em classe. (PULASKI, 2005, p. 102).

Piaget, quando descreve a aprendizagem, tem um enfoque diferente do que normalmente se atribui à esta palavra.

Piaget separa o processo cognitivo inteligente em duas palavras: aprendizagem e desenvolvimento. Conforme Pulaski: (...) Piaget a aprendizagem refere-se à aquisição de uma resposta particular, aprendida em função da experiência, obtida de forma sistemática ou não".(PULASKI, 2005, p. 101).

Enquanto que o desenvolvimento seria uma aprendizagem de fato, sendo este o responsável pela formação dos conhecimentos.

Piaget, quando postula sua teoria sobre o desenvolvimento da criança, descreve-a, basicamente, em 4 estados, que ele próprio chama de fases de transição essas 4 fases são o Sensório-motor (0 – 2 anos), o Pré-operatória (2 – 7 anos), o Operações concretas (7 – 12 anos) e o estágio das operações concretas.

PULASKI diz : “a adaptação, quando definida por Piaget, como o próprio desenvolvimento da inteligência, ocorre através da assimilação e acomodação”. (PULASKI, 2005,p 101).

Os esquemas de assimilação vão se modificando, configurando os estádios de desenvolvimento.

2.2.1 – Senso Motor

Estágio Sensório-motor, mais ou menos de 0 a 2 anos: a actividade intelectual da criança é de natureza sensorial e motora. A principal característica desse período é a ausência da função semiótica, isto é, a criança não representa mentalmente os objetos. Sua ação é direta sobre eles.

Essas atividades serão o fundamento da atividade intelectual futura. A estimulação ambiental interferirá na passagem de um estágio para o outro. Período sensório-motor é o período da vida do ser humano compreendido entre o nascimento e os dois anos de idade.

As principais aquisições do período sensório-motor, destaca-se a construção da noção do "eu", através da qual a criança diferencia o mundo externo do seu próprio corpo.

O bebê o explora, percebe suas diversas partes experimenta emoções diferentes,formando a base do seu autoconceito. Ao longo desta etapa, a criança irá

elaborar a sua organização psicológica básica, seja no aspecto motor, no perceptivo, no afetivo, no social e no intelectual. Para (PIAGET, 1967, p. 15) :

(...) Nesse período há existência de inteligência antes da linguagem. Essencialmente prática, isto é, tendente a resultados favoráveis e não ao enunciado de verdades, essa inteligência nem por isso deixa de resolver, finalmente, um conjunto de problemas de ação (alcançar objetos afastados, escondidos, etc.), construindo um sistema complexo de esquemas de assimilação, e de organizar o real de acordo com o conjunto de estruturas espaço-temporais e causais.

No estágio sensório-motor, a criança busca adquirir controle motor e aprender sobre os objetos físicos que o rodeiam. Nesse estágio o bebê adquire o conhecimento por meio de suas próprias ações que são controladas por informações sensoriais imediatas.

O estágio divide-se em até seis subestágios nos quais o bebê apresenta desde reflexos inapensados até uma capacidade de representar o uso de símbolos.

2.2.2 – Estágio Pré-Operatório

É nesta fase que surge, na criança, a capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por uma representação, esta substituição é possível, conforme Piaget, graças à função simbólica.

Neste estágio a criança já não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos, mas já distingue um significador (imagem, palavra ou símbolo) daquilo que ele significa (o objeto ausente, o significado, é importante ressaltar o carácter lúdico do pensamento simbólico. Assim este estágio é também muito conhecido como o estágio da Inteligência Simbólica.

Contudo, lembra que a actividade Sensório-motor não está esquecida ou abandonada, mas refinada e mais sofisticada, pois verifica-se que ocorre uma crescente melhoria na sua aprendizagem, permitindo que a mesma explore melhor o ambiente, fazendo uso de mais e mais sofisticados movimentos e percepções intuitivas. (PULASK, 2005, p. 102).

A criança nesta fase é egocêntrica, centrada em si mesma, e não consegue se colocar, no lugar do outro, não aceita a ideia do acaso e tudo deve ter uma explicação, já pode agir por simulação, como se, possui percepção global sem discriminar detalhes e deixa-se levar pela aparência sem relacionar fatos.

Podemos dizer que a criança é egocêntrica da sua maneira ou seja, implica a ausência da necessidade, por parte da criança, de explicar aquilo que diz, por ter certeza de estar sendo compreendida.

Da mesma forma, o egocentrismo é responsável por um pensamento pré-lógico, pré-causal, mágico, animista e artificialista.

O raciocínio infantil não é nem dedutivo nem indutivo, mas transdutivo, indo do particular ao particular; o juízo não é lógico por ser centrado no sujeito, em suas experiências passadas e nas relações subjetivas que ele estabelece em função das mesmas.

Os desejos, as motivações e todas as características conscientes, morais e afetivas são atribuídas às coisas. A criança pensa, por exemplo, que o cão ladra porque está com saudades da mãe.

Por outro lado, para as crianças até os sete ou cinco anos de idade, os processos psicológicos internos têm realidade física: ela acha que os pensamentos estão na boca ou os sonhos estão no quarto. Dessa confusão entre o real e o irreal surge a explicação artificialista, segundo a qual, se as coisas existem é porque alguém as criou. (FREIRE, 1995, p. 13).

Do ponto de vista do juízo moral observa-se que, a princípio, a moral é totalmente heterônoma, passando a autônoma na medida em que a criança começa a sair do seu egocentrismo e compreender a necessidade da justiça equânime e da responsabilidade individual e coletiva, independentes da autoridade ou da sanção imposta.

2.2.3 Operações Concretas

Estágio das operações concretas, mais ou menos dos 7 aos 11 anos: a criança já possui uma organização mental integrada, os sistemas de ação reúnem-se em todos integrados. Piaget fala em operações de pensamento ao invés de ação.

É capaz de ver a totalidade de diferentes ângulos. Conclui e consolida as conservações do número, da substância e do peso. Apesar de ainda trabalhar com objetos, agora representados, sua flexibilidade de pensamento permite um sem número de aprendizagens. Para Piaget:

Estágio das operações formais, mais ou menos dos 12 anos em diante: ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. A criança se liberta inteiramente do objeto, inclusive o representado, operando agora com a forma (em contraposição a conteúdo), situando o real em um conjunto de transformações. A grande novidade do nível das operações formais é que o sujeito torna-se capaz de raciocinar corretamente sobre proposições em que não acredita, ou que ainda não acredita, que ainda considera puras hipóteses. É capaz de inferir as conseqüências. Tem início os processos de pensamento hipotético-dedutivos. (PULASKI, 2005, p. 99).

Neste período a criança desenvolve o pensamento, e o planejamento mental ocorre antes de sua ação. a função representativa reveste-se de grande importância. Um objeto representa o outro, e com isto a imaginação da criança sofre um grande impulso. (por exemplo: uma simples caixa de sapatos pode ora se tornar um carro, ora um potente cavalo que viu na televisão.)

Inicia-se e atinge pleno desenvolvimento o chamado jogo simbólico ou faz-de-conta. Neste tipo de atividade, a criança dá significados pessoais a objetos e a brincadeiras que realiza. Observa o que acontece à sua volta, em sua casa, na rua, e reproduz posteriormente em suas brincadeiras o que viu, apresentando, inclusive, sentimentos e emoções frente ao fato. (por exemplo: a criança brinca com a boneca, vestindo-a, dando de comer ou até dando-lhe umas palmadinhas.)

É interessante observar como ela brinca, pois suas emoções, sentimentos e compreensão da realidade são expressos neste momento.

2.3 Pressupostos da aprendizagem em grupo

O trabalho em equipe, um termo que se emprega com freqüência nas salas de aula, depende da organização e desenvolvimento das atividades que os professores mantenham.

Trabalhar em equipe é um modelo que vem sendo seguido e tem se modificado ao longo do tempo, agora se tem dado mais valor a aprendizagem cooperativa, isto é, um grupo de alunos trabalham em equipe e o resultado deste trabalho deve refletir que todos e cada um deles tenham trabalhado com a informação de igual maneira.

Faz-se o planejamento do tamanho do grupo, que varia de acordo com as metas de aprendizagem traçadas.

Se esta é para repassar ou praticar uma informação bastará que as equipes sejam pequenas, entre 4 a 6 alunos; enquanto se o propósito for debater, fomentar a participação e resolver problemas, então os grupos seriam de tamanho maior.

É indispensável que os professores vigiem os grupos para verificar se todos contribuem, participam e aprendem; da mesma maneira o professor destinará aos alunos diversas funções para apoiar a aprendizagem, funções tais como o fomento, a discussão, a chuva de idéias, sondagens e criatividade.

Carvalho conceitua:

Entre outros modelos, estão também várias dinâmicas como, por exemplo: perguntas que seriam respondidas entre os alunos, repartindo em turnos aqueles que perguntam e os que respondem; isto pode ser feito mediante o uso de tiras de papel e assim todos participam dirigindo um diálogo e obtendo aprendizagem cooperativa. (CARVALHO, 2000, p. 17).

A leitura prévia de um texto e depois a resolução de problemas e dúvidas, resumos e ao final uma correção que permitiria compartilhar com os outros alunos, também pode ser usada com proveito.

Cabe ainda indicar que tudo o que foi dito anteriormente não pode ser concretizado sem um planejamento e supervisão cuidadosa do professor e do grupo, e é um processo, pois nossos alunos não foram acostumados a trabalhar corretamente em grupos.

III – DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Educação Infantil constitui, hoje, um segmento importante do sistema educacional do país, reconhecida como a primeira etapa da educação básica.

Diante dessa realidade, é fundamental repensar o fazer na Educação Infantil, buscando nesse contexto uma aprendizagem mais significativa, construída a partir dos conhecimentos prévios da criança, respeitando as suas fases maturacionais, como um ser que se relaciona consigo, com os outros e com a natureza. Sendo assim, é mister que nesse momento seja o melhor possível, pois terá repercussões no futuro.

3.1 Principais componentes da aprendizagem coletiva

“Aprendizagem é um processo evolutivo do aluno, particular e único, que varia de acordo com as questões internas ou externas da realidade sócio-cultural de cada indivíduo. Cada pessoa tem uma relação diferente com o saber”. (MIRANDA, 1997, p. 16).

As circunstâncias internas variam de acordo com a maturação e o grau do desenvolvimento da criança, enquanto que os fatores externos dizem respeito ao meio que a criança está inserida, como família, amigos, escola, entre outras relações.

Cada aluno de uma mesma sala de aula, tem seu momento específico de transformação interna, devido a inúmeros fatores que compõem o indivíduo.

O espaço escolar, organizado de forma a privilegiar as particularidades deve ser organizado com jogos, passatempos, mini-bibliotecas, laboratórios de pesquisa, tapetes e almofadas para relaxamentos, oficina de artes e grupos de convivência.

Estes recursos devem ficar a disposição das crianças para que possam interagir livremente e deste modo apropriarem-se de um lugar que realmente foi construído para que eles tenham acesso e desenvolvimento pleno.

A sala de aula fazendo uso de diferentes recursos para aprendizagem se passa a ser um espaço lúdico, privilegiando todas as diferenças de aprendizagem, principalmente quando encaramos a questão da inclusão. Ao referir-me sobre inclusão, penso que o grupo, mesmo com toda sua multiplicidade, deve ser uma unidade, de forma social e integradora.

A cada ano, temos casos de deficiências ou dificuldades que nos são colocadas como um desafio.

Comumente, as escolas costumam encaminhar para tratamentos e consultórios, os casos ditos de inclusão. É a maneira mais prática da instituição resolver o problema, mas não a mais eficaz para o aluno, que necessita comunicar-se, interagir e dialogar com os saberes do mundo para desenvolver-se plenamente.

A sala de aula é um meio muito rico para resgatar e promover o funcionamento harmonioso do sujeito. É na escola que passam boa parte do seu tempo, onde fazem amizades e onde refletem seus anseios e angústias. Segundo (MIRANDA, 1997, p. 21):

Os espaços diversificados na sala de aula funcionam como um recurso fundamental para a inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem. Porque através deles as habilidades e competências de cada um podem ser trabalhadas e exercitadas, de modo até mesmo terapêutico, pois o aluno horas interage com algo que tem dificuldade, mas que necessita aprender e horas manipula materiais que está muito acostumado a lidar, que fazem parte da sua inteligência como competência e habilidades próprias.

Ensinar é uma vivência com experiências, interações e trocas que levam a criança a progredir e enriquecer suas diferentes etapas evolutivas.

Um primeiro passo a ser seguido é avaliar de forma global o nível de desenvolvimento dos seus alunos, para se propor atividades que desafiem todas as áreas e estágios existentes na turma.

O trabalho em grupo é a chave da sala de aula diversificada. Cabe ao professor oferecer a estrutura do trabalho, deixando regras claras, organizando o ambiente e dinamizando as ações dos grupos. É importante fazer intervenções e desafios no decorrer das atividades.

O trabalho com divisão de tarefas privilegia as habilidades de cada aluno, promovendo o desenvolvimento da auto-estima e a integração das crianças. As atividades devem ser estimulantes com construções, leituras, apresentações, exposições, escritas, jogos e criações espontâneas.

O professor deve promover, ao final de um tempo determinado: uma auto-avaliação dos grupos e uma avaliação da turma durante o trabalho sobre a validade das propostas e entendimentos. Este momento de trocas é fundamental, também, para que todos possam ter acesso ao conhecimento assimilado pelos colegas. (CARVALHO, 2000, p. 12).

Este tipo de ação pedagógica exige muito mais do professor, no momento do planejamento, avaliação e intervenção.

No entanto, rompe com as barreiras de relacionamentos entre adultos e crianças, tanto quanto na relação ensino/aprendizagem, sendo uma medida possível e acessível para o professor trabalhar com as diversidades na sala de aula, com foco preventivo e psicopedagógico.

Uma sala de sala de aula bem estruturada e organizada de modo a privilegiar os diversos tipos de habilidades e interesses dos alunos é um recurso importantíssimo para um aprendizado sadio na escola. A psicopedagogia nos auxilia nesta organização, trazendo elementos terapêuticos que podem e devem ser empregados pelo professor na sala de aula como meio de prevenção.

Este ambiente de caráter preventivo se torna um espaço lúdico, que socializa os alunos e aproxima o adulto da criança, adulto este, que na figura do professor, faz o papel de mediador na sala de aula, sempre orientando e desafiando o aluno a cada vez mais alcançar metas e vencer as dificuldades.

A organização do espaço escolar é uma maneira simples, ao alcance de todos professores que cria identidade, autonomia e cooperação nas turmas.

Segundo: (SERRÃO, 1999):

A construção do vínculo afetivo com o grupo não significa uma relação permissiva em que tudo seja possível e todos os desejos individuais, atendidos. Os papéis e níveis de responsabilidade do facilitador e dos participantes devem permanecer bem definidos.

Assim este tipo de trabalho permite o estabelecimento de uma comunicação em que todos podem expressar seus sentimentos e opiniões com liberdade.

3.2 Principais métodos da aprendizagem e trocas de experiências

Segundo (SERRÃO,1999):

Trabalhar em grupos é estar constante e insistentemente tocando esse material sutil e delicado de que é feito o ser humano. Num fazer e refazer permanente, lá estamos nós, educadores, acreditando outra vez em sonhos. E de sonho em sonho, vamos construindo a realidade.

As relações interpessoais são de grande importância da vida do ser humano, principalmente na escola, favorecendo a aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

A escola é um sistema social que resulta da interação de agentes individuais composta por uma rede de grupos culturais diferentes que se interage de forma sincrônica dentro do espaço e do tempo escolar. Todo indivíduo tem sua cultura independente da vida escolar.

Existe uma cultura que é a escolar construída no dia a dia e na movimentação de todos os integrantes da escola. A cultura escolar é diferente em cada escola , pois cada uma cria uma identidade que fortalece as relações internas e podem influenciar o desenvolvimento da comunidade.

Essa multiplicidade de culturas exige um trabalho de articulação e integração para que ações individuais contribuam efetivamente na consecução dos objetivos pedagógicos da escola. Além desse trabalho é importante a integração do aluno X professor, professor X professor, família X comunidade escolar.

Cabe ao gestor, seja ele o diretor ou o especialista, o papel de articulador de conflitos. Desempenhando atitudes e ou atividades que evidenciem a integração entre as pessoas em dimensões políticas, pedagógicas e administrativas

3.2.1 Trabalhando a dinâmica de grupo

As dinâmicas de grupo oferecem às crianças, adolescentes e adultos uma resposta às necessidades lúdicas escassas em diversos ambientes, com o objetivo primeiro de integrar o grupo e possibilitar o feedback de dados, que é uma técnica de mudança de comportamento que parte do princípio de que quanto mais dados cognitivos o indivíduo recebe, tanto maior será a possibilidade de organizar os dados e agir criativamente.

3.2.1.1 Aluno-aluno

Todo professor que lida com uma sala de aula, mais particularmente nas séries iniciais, há de concordar que existe uma forte tendência à formação de subgrupos, como pode ser, por exemplo, a de uma parte da turma constituída por aqueles que, apelidados como Caxias (ou nomes equivalentes), são dedicadíssimos aos estudos e tiram notas máximas, enquanto concomitantemente organiza-se um outro sub-grupo, com alunos numa posição antípoda àquela anterior, mostrando-se como transgressores às finalidades precípua da Escola e, não raramente, incorrendo no sério problema do uso de drogas psico-ativas.

Um outro aspecto que, de regra, aparece na dinâmica dos grupos, consiste numa distribuição de distintos papéis que cada aluno tende a assumir e, muitas vezes, age cumprindo de forma estereotipada, um tipo de papel que, inconscientemente, lhe é inerente ou lhe esteja sendo atribuído pelos demais.

Virtualmente, todos os grupos - familiares, escolares, institucionais - estruturam-se de uma maneira em que se forma uma distribuição de papéis diferentes, assumidos por pessoas diferentes.

Os papéis que mais comumente são desempenhados por distintos alunos consistem nos tipos: “bode expiatório” (leva as culpas por tudo e, provavelmente ele contribui para isso); “porta-voz” (expõe-se em demasia, falando e agindo por todos); “sádico” de tipo agressivo-destrutivo; o eternamente “bonzinho”, entre tantos outros papéis mais. (SERRÃO, 1999).

É útil registrar que sempre se forma um campo com uma dinâmica grupal entre os alunos, onde se entrecruzam, simultaneamente, emoções distintas, como amizade, solidariedade, mas também uma rivalidade competitiva, com sentimentos de ciúme, inveja, jogo de intrigas, atingindo, por vezes, um grau de crueldade. No entanto, esse complexo jogo de emoções reinantes na Escola, reproduz fielmente aquilo que se passa no grande mundo do lá fora, de sorte que se pode dizer que a Escola constitui-se como uma escola que forja uma socialização dos indivíduos.

3.2.1.2 PROFESSOR – PROFESSOR

A natureza humana é, fundamentalmente, a mesma. Assim, o campo da dinâmica psíquica que se processa entre os alunos, tal como antes foi descrita, encontra uma contra-partida equivalente entre os professores, juntamente com orientadores pedagógicos, psicólogos e diretores.

É bastante freqüente que haja uma dissociação entre os papéis assumidos pelo corpo docente, de sorte que uns professores assumem a condição de 'democrata-liberais' com uma larga margem de tolerância para os alunos, enquanto outros advogam uma dureza na colocação de limites e nos critérios de tolerância.

Ademais, tal como acontece ao nível dos alunos, também os professores fazem recíprocas identificações projetivas e igualmente formam sub-grupos.

Existe um aspecto bastante sutil, e nada incomum, que decorre de surdos conflitos que existem entre a cúpula e a base do magistério, a qual vai respingar nos alunos, causando conseqüências prejudiciais aos mesmos.

Essa situação consiste no fato de que um diretor, ou orientador, trace uma determinada linha de conduta pedagógica e, ou, disciplinar, a qual recebe, aparentemente, a concordância manifesta de todos; no entanto, um professor, ou um subgrupo deles, apesar da aceitação formal, no fundo, discorda da referida orientação, por razões conscientes ou inconscientes.

3.2.1.3 PROFESSORES – PAIS

Esta dimensão do inter-relacionamento da Escola é particularmente complexa e importante porque, nos casos com alunos problemáticos, é bastante freqüente a possibilidade de que se estabeleça um clima de recíprocas acusações entre pais e mestres.

Assim, os pais que não têm condições emocionais de suportar a sua parcela de responsabilidade, ou culpa, pelo mau rendimento escolar, ou algum transtorno de conduta do filho, farão de tudo, para encontrar argumentos e pinçar fatos, a fim de imputar aos professores que reprovaram o aluno, ou à Escola como um todo, a total responsabilidade pelo fracasso do filho.

Em contrapartida, também existe a possibilidade de que os professores, pessoalmente, ou representados pelos pedagogos da Escola, tenham a mesma

dificuldade de reconhecer as possíveis falhas e, como forma de defensiva, partam para a ofensiva.

Também acontece, com certa freqüência, que um dos professores tenha na sua organização psíquica pessoal, um “superego” de características ameaçadoras e punitivas; é possível que este superego, projetado nos pais do aluno, provoque no próprio professor um alto grau de intimidação em relação aos pais, especialmente se estes pais estiverem num estado de indignação.

“Caso o professor ou o orientador pedagógico venham a ficar envolvidos nessa atmosfera intimidatória, os papéis correm o risco de ficarem desvirtuados, ou até invertidos, com todas as nefastas conseqüências previsíveis”. (MIRANDA, 1997, p. 22).

Tudo isso pode ganhar uma complexidade ainda bem maior porque o próprio aluno, que não suporta reconhecer a responsabilidade por suas falhas, fará um sutil jogo de intrigas que predisponham os pais contra os professores e a Escola.

Da mesma forma, a complexidade aumenta à medida que existe uma dissociação bastante comum, que é aquela que se refere ao comportamento que um aluno tenha na sua casa e que seja totalmente diferente e oposto ao que ele manifesta na escola.

Tentar estabelecer posições de pais e professores na educação de um estudante se faz necessário, já que eles mesmos se confundem na sua importância e na sua função diante de seus filhos e de seus alunos respectivamente. Os pais se tornam ausentes por um motivo ou outro e acabam por acreditar que eles aprendem na escola, pois lá é o lugar de se adquirir conhecimento.

Não estão atentos às trajetórias de seus filhos e menos ainda participam de seu aprendizado, se envolvem mais com si e com o dia a dia. Não participam do seu desenvolvimento, estão ausentes as transformações a que eles estão sujeitos, não se relacionam com seus amigos e em fim não fazem parte do processo aprendizagem de seus filhos.

Os professores estão sobrecarregados exercendo a função de pais e educadores, tendo que ensinar desde bons modos e respeito até ao conteúdo programado.

Muitos não são preparados para exercer este papel e ficam perdidos perante o seu dever de educador, sem falar nos que desistem da profissão, pois não se

acham capazes de educarem jovens e crianças, o que na verdade não é exatamente o seu papel.

Por estas e outras circunstâncias citadas ao longo deste trabalho observa-se com esta pesquisa que pais e professores precisam dividir responsabilidades na criação de uma relação de trabalho que abrace a aprendizagem e a socialização da criança. Que devem caminhar juntos para a construção de uma educação, devem ensinar para também aprender.

O comportamento escolar – da infância à adolescência Os professores têm enfrentado uma infinidade de problemas ao tentar trilhar um caminho junto a seus alunos. As crianças têm entrado nas unidades escolares muito cedo e isto com certeza tem influência no comportamento que elas vão ter longe dos pais nos anos iniciais de suas vidas.

Este é só o primeiro motivo de uma lista de vários. Este agente inicial mencionado se dá muitas vezes ao fato de os pais estarem afogados na correria do dia-a-dia, e acabam tentando solucionar a sua falta de tempo colocando seus filhos em instituições de ensino muito cedo.

Daí se principia uma lista de problemas, tanto abrangentes, quanto particulares, destes alunos. Surge a indisciplina, a falta de interesse e de motivação nas atividades, problemas psicológicos e tantos outros detalhes que comprometem o seu aprendizado. Muitos não se envolvem socialmente ou até mesmo agem com violência. (CARVALHO,2000).

Tudo isto se tratando de crianças, e com essa base eles crescem e entram numa fase, considerada por muitos, a fase da “Aborrecência” ou os adolescentes. Estes jovens também requerem cuidados, pois estão passando uma fase de transição hormonal que influencia bastante em seu comportamento.

Desde a forma em que são tratados até a interpretação de suas atitudes. Esta fase começa como uma vontade de descoberta, de conhecer o mundo de uma forma diferente, deixando de lado brincadeiras infantis e querendo a independência de seus comportamentos e atitudes como diz Içami Tiba: Também o adolescente, no pós banho de hormônios, está ávido por conhecer o mundo.

Apesar de já ter muitas noções aprendidas do que é certo e errado, ao partir para o encontro da sua identidade quer estabelecer padrões próprios. Por isso, tende a negar os critérios existentes, transmitidos por educadores, pais e professores... (Tiba 2006, pág. 99).

Daí tem que se ter a compreensão necessária para cada comportamento, cada atitude particular levando em consideração que talvez a sua desobediência possa se justificar. Eles se sentem perseguidos, acham sempre que são donos da razão e assim em diante, querem ser donos de si, e esta fervura de pensamentos reflete em suas atitudes sociais, aprendizado, comportamento e em fim na sua personalidade.

Cada um possui uma conduta, tanto crianças quanto adolescentes, muitos têm explicação, mas mesmo assim não deixa de ser um problema que deve ser tratado ou até mesmo resolvido.

É nesta frase que se resume esta pesquisa, pois é ai onde se dever ter o posicionamento dos pais e dos educadores para lapidar com coerência a personalidade destes filhos e também alunos. Estas mudanças de comportamento são psicologicamente explicadas quando se trata da fase chamada puberdade.

Contudo nota-se a particularidade de cada indivíduo, assim de cada aluno e de cada filho, e a forma com que eles são tratados ou mesmo a educação que eles recebem requer conhecimento de detalhes e aplicações de métodos, tanto familiares quanto escolares, é ai que entra a posição dos pais e dos professores perante cada situação.

A Família – as atitudes dos pais perante a educação dos filhos. A família com certeza possui significativo papel diante os filhos, é em casa que eles encontram o apoio, aconchego, carinho e posição de segurança.

As crianças sentem-se amparadas quando estão ao lado dos pais, mas e esses pais será que sabem a importância destes cuidados? São exatamente neste alvo que se principiam diversos problemas e é a partir daí também que se parte a solução, ou ao menos a tentativa de se obter uma. Os pais acabam se sufocando com a correria que a vida os coloca, trabalhando muito e pensando somente na situação financeira de sua família.

Com certeza uma vida confortável também é importante, mas não pode ser exclusiva. A ausência da família traz no filho o sentimento de abandono e não adiantam tentar recompensar esta deficiência com presentes, roupas e coisas materiais, isto não tem o mesmo valor.

Augusto Cury em uma de suas obras ilustra muito bem este detalhe quando diz: Seus filhos não precisam de gigantes, precisam de seres humanos. Não

precisam de executivos, médicos, empresários, administradores de empresa, mas de você, do jeito que você é.

Adquira o hábito de abrir o seu coração para os seus filhos e deixá-los registrar uma imagem excelente de sua personalidade. (Cury 2003, pág. 26).

A criança nos anos iniciais de sua vida se sente dependente da família, então é o momento de ensinar e mostrar o prazer em aprender, aproveitar esta convivência e esta confiança para iniciar o “Aprender à Aprender” desenvolvendo algo de tamanha importância, e que está ficando perdido. Os pais amam seus filhos e podem ensinar com amor, carinho e presença que para eles é o que realmente importa.

Neste momento se ensina o respeito ao conhecimento e desperta também a vontade de aprender sempre mais. “Criança precisa de adulto responsável a sua volta.” (Tiba 2005, pág. 167).

A partir daí é um momento onde o filho exhibe o seu querer e cabe aos pais mostrar o que é permitido e o que não é perante as suas vontades e assim começa a idéia de ensinar e mostrar a importância de aprender. Tudo isso não se resume em ensinar, mas levar a criança a praticar o que aprende e mostrar o valor deste aprendizado. Mas e quanto aos jovens? Os pais também devem estar presentes? Com certeza, afinal é uma fase de transição, onde se deve relevar muita coisa e ter sabedoria para agir em diversos tipos de situações.

Aqui ocorre o despertar para o sexo, e a família deve ter diálogo com seus filhos, mostrar os caminhos que percorrem uma vida sexual ativa. Ensinar sobre certas doenças, gravidez precoce e principalmente orientar sobre responsabilidade. Não só o sexo, mas também o envolvimento com amigos é ponto forte nesta fase e é um dos principais caminhos a se chegar às drogas.

Não que todos os amigos se envolvam com substâncias químicas, mas algum deles pode se submergir. Assim pais devem se relacionar com os amigos de seus filhos, deixa-los à vontade para que estes amigos freqüentem sua casa. Com certeza cada um é dono dos próprios atos, mas os amigos podem influenciar, e os pais têm um papel fundamental de orientador, e não de tirano.

Proibir tudo só traz no jovem ainda mais vontade de independência e o torna cada vez mais distante de sua família, e a idéia é exatamente oposta, é aumentar os laços de confiança e convivência entre pais e filhos.

O conceito de que pais são sempre donos da razão leva filhos a procurar conselhos em amigos se distanciando dos adultos, pois sentem que estes não os entendem, mas na verdade é que muitos acham fácil o simples fato de que “Na escola eles aprendem” ou “A melhor escola é a vida” além dos que têm vergonha de falar sobre certos assuntos e acabam deixando pra depois as conversas que deveriam ter.

Contudo nota-se que o aprendizado é constante, e que se inicia desde pequeno onde os pais também são professores, são educadores de vida, e eles não percebem. Mandam para aprender na escola, valores que devem ser de berço. Causam nos filhos aversão ao conhecimento e nem notam que são responsáveis por tudo isto.

A eles cabe a educação comportamental de seus filhos e ensinar sobre a vida. Mostram caminhos e acompanham a caminhada. Assim são educadores que tem grande poder em despertar em casa a vontade de conhecer e aprender, e ai sim, perante este desejo em aprender, entra o papel da escola e do professor. Os pais assim, possuem uma contribuição irrelevante, estão semeando o prazer de aprendizado o que traz no aprendiz a sede de conhecer. O filho se sente seguro e os pais gratificados pela troca de amor e aprendizado. (CARVALHO,2000).

Mestres – professores ou educadores? Há algum tempo, muitos dos professores não possuíam curso superior para lecionar em sala de aula, terminavam o Ensino Médio e já iam ser professores.

A nossa realidade é diferente, nos tempos atuais a maioria já passou por curso superior, ou seja, se preparou. Mas será que se preparou mesmo? Como comentado ao longo do texto, muitos pais acham fácil o simples fato de levar seus filhos para a escola e deixar que os professores se encarreguem do conhecimento dos estudantes, afinal lá é o local de aprendizado.

A escola é sim uma unidade de conhecimento, mas não pode ser a única responsável pelo nivelamento comportamental do aluno. Muitos professores quando se deparam com a realidade da sala de aula se sentem inseguros, incapazes e alguns até desistem da profissão.

O professor quando um educador convive com todo o desenvolvimento do aluno, aos que lecionam em séries iniciais participam do crescimento e desenvolvimento das crianças e aos que trabalham com as séries finais estão convivendo com o fluente estado de hormônios em que passam os adolescentes.

O professor é uma fonte de ensino, mas acompanha muitos alunos ao mesmo tempo, e cada um tem suas particularidades, onde os pais fazem aí a diferença. Com certeza ser professor não é somente selecionar conteúdos e aplicá-los, é criar laços com seus educandos e se envolver com a profissão, mas é bem aí onde se encontra outro pormenor.(SERRÃO,1999).

Será que para o professor poder exercer sua profissão ele precisa educar o aluno antes? Ele precisa ensinar bons modos e disciplina? São muitos questionamentos em torno dos fazeres destes profissionais.

É notável que os professores possuam importância neste processo de aprendizagem que se inicia desde os primeiros anos de vida e pode perpetuar sempre, pois o conhecimento é constante.

Mas estes mestres continuam a partir de um passo inicial que começa em casa com a família, os pais são os responsáveis por este despertar. Os profissionais da educação além de ensinar conteúdos também devem ensinar para a vida, se envolver com a realidade de sua clientela, precisam ser educadores, atuando com amor a profissão, mas não podem desenvolver sozinhos a construção dos futuros cidadãos, afinal a sociedade precisa se renovar e ambos precisam entender que fazem parte deste processo.

Assim diz Augusto Cury: “Prepare seus alunos para explorarem o desconhecido, para não terem medo de falhar, mas medo de não tentar. Ensine-os a conquistar experiências(...)” (Cury 2005, pág.80).

Deve haver uma educação para a vida, formar cidadãos de bem, envolver escola, conhecimento e família. Talvez fosse a solução de muitos problemas. Os educadores não podem ter medo dos desafios, eles são mediadores de conhecimento, o seu aprendizado também é constante para se prepararem para os desafios.

Escola e sociedade: Unindo pais e professores, uma possível solução. Ao longo da pesquisa é notável que a idéia de educar e ensinar se resume quase que na mesma coisa, mas também que precisa de uma fusão entre educadores e pais. Necessita de haver esta cooperatividade, a idéia de que um ou o outro é o responsável acaba empurrando a situação e adiando a tentativa de encontrar uma solução.

Criar uma relação entre escola e família permitiria que houvesse acompanhamento e participação dos pais no aprendizado e eles com certeza teriam a satisfação de poder ajudar a construir o caráter de seus filhos, pois querendo ou

não boa parte dos anos de nossas vidas passa-se na escola, ou seja, é um local de aprendizado que planta sementes que duram pra sempre. Ter uma aliança entre pais e professores é altamente produtivo e eficaz. Ambos devem agir em conjunto.

A própria escola tem de mostrar coesão e transparência, trabalhando em equipe, entre si, e em relação à família de seus alunos.

É muito importante que haja coerência (...) entre o que os pais e a escola fazem na educação de crianças e adolescentes, principalmente nas questões que podem prejudicar a construção do cidadão ético, feliz e competente que vai assumir o Brasil que estamos lhe deixando. (Tiba 2006, pág. 148).

Assim com o desenvolvimento desta pesquisa, é compreensível a importância de pais e professores, ambos ensinam e educam, mas cada um com seu desempenho e juntos formando um todo onde se divide responsabilidade e se multiplica soluções. Este pode ser um recurso para a educação de crianças e jovens.

3.2.1.4 ESCOLA – ALUNOS

A ideologia relativa ao processo de ensino-aprendizagem da Escola, a sua orientação pedagógica, o clima de maior ou menor liberdade em relação à participação dos alunos, e outros aspectos equivalentes, tudo isso gera implicações imediatas no rendimento educacional e na formação da personalidade dos alunos.

Assim, em meio a tantos fatores que pressionam os diversos níveis da escola, tanto aqueles provindos do interior dos indivíduos e dos grupos, como também aqueles oriundos de coerções exteriores, fica difícil para a Escola manter um equilíbrio harmônico entre os fatores que exercem pressões e as metas a serem alcançadas.

Enfim, a dinâmica de grupo propicia o relacionamento mútuo e também melhora na auto-estima, pois a partir do momento que temos três ou mais pessoas se comunicando e trocando informações podemos dizer que elas estão se movimentando, aprendendo, e se há uma interação há a dinâmica. A dinâmica de um grupo é o seu movimento, e a vida deste grupo é a inter-relação entre os participantes.

Pode ser feita só oralmente, quando cada participante fará uma pequena descrição de sua vida pessoal e profissional. Pode ser também uma apresentação mais dinâmica, na qual os candidatos recebem cartolina, jornais, revistas, tesoura, cola, canetas. O objetivo é fazer com que cada um se defina usando esses recursos.

É permitido escrever, desenhar, colocar recortes de revistas, colar ilustrações. Serve para "quebrar o gelo" e fazer com que todos se conheçam. Este é um ótimo espaço para que você demonstre como é o seu comportamento e como você se relaciona em grupo e com outras pessoas.

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo.

Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor/aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das conseqüências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

Neste sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdos, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos e exposição onde o professor demonstrará seus conteúdos.]

No entanto este paradigma deve ser quebrado, é preciso não limitar este estudo em relação comportamento do professor com resultados do aluno; devendo introduzir os processos construtivos como mediadores para superar as limitações do paradigma processo-produto.

Segundo GADOTTI (1999), o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula.

O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno.

Apesar de tal, para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto-realização.

De modo concreto, não podemos pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual.

O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir com intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.

O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura.

ABREU & MASETTO (1990) afirma que:

(...) é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

FREIRE (1996), “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento”. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar.

Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma; por outro, SIQUEIRA (2005), afirma que os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor.

Assim, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno (como melhorar a nota deste, para que ele não fique de recuperação), apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um “formador de opiniões”.

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

CONCLUSÃO

Chegou-se ao fim deste trabalho comprovando que realmente o trabalho em equipe ou seja em grupo, pode propiciar o desenvolvimento do aluno. Os professores deveriam trabalhar com freqüência como esta técnica na sala de aulas, auxilia no desenvolvimento do sendo crítico, do emocional e psíco-motor do aluno.

Fora da sala de aula também é importante este trabalho, para que haja a socialização da escola, interação dos indivíduos. Os objetivos aqui propostos foram alcançados com precisão, demonstrou-se que é um grande desafio trabalhar em grupo com os alunos, pois os professores precisam adequar os seus métodos com a realidade de cada equipe. Também é importante conhecer os vários meios e atividades que podem auxiliar no trabalho cooperativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula.** São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ANDRIOLI, Antônio I. **Vontade geral e democracia: um estudo da democracia direta em Rousseau.** Ijuí: Editora Unijuí: 2000.

BASSE T. W. F. Artigo. **Aprendizagem Cooperativa.** Revista Educação Adventista . São Paulo, 1999.

BARROS, Lígia. **Suporte a Ambientes Distribuídos de Aprendizagem Cooperativa. Tese de Doutorado.** Rio de Janeiro: COPPE/Sistemas/UFRJ, 1998.

BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. [The social construction of reality. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1976.

BROWN, Guillermo. **Jogos cooperativos: teoria e prática.** [Trad. de Rui Bender]. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1994

CARVALHO, Frank Viana. **Pedagogia da Cooperação.** São Paulo: Edart, 2000.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

DÍAZ. Maria José. **Educação Intercultural e Aprendizagem Cooperativa.** Rio de Janeiro:Porto Editora, 2003.

FERREIRA, Heloísa & Lucena, Marisa. **Anais do SENAI**. São Paulo, Junho 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudanças**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Madalena. **Construtivismo Pós-Piagetiano. Um novo Paradigma sobre aprendizagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 IQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999. Revista Espaço Acadêmico. N° 71. Vol. VI . Abril, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. São Paulo: Editora Cortez, 1997.

LIBANÊO, José Carlos. **Democratização da escola**. Rio de Janeiro: Loyola, 1995.

MANENT, Pierre. **História Intelectual do Liberalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1990.

MARQUES, Mário Osório. **Conhecimento e Modernidade em Reconstrução**. Ijuí: Editora Unijuí, 1993.

MIRANDA, Maria do Carmos Taves. **Pedagogia no tempo da história**. São Paulo: Ática, 1997.

PAIM, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas da aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1992.

PIAGET, Jean. **O raciocínio da criança**. Trad. Valérie Rumjovek Chaves. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, 1967.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget**. Rio de Janeiro : Livros Técnicos e Científicos, 2005.

RIBEIRO, Sílvia Maria; FERROS, Lígia Cristina. **A influência do estado depressivo do adolescente face à sexualidade**. Revista de ciências de Macaú, Macaú, Vol.5 nº 3, pág. 154 .

SCHNEIDER, José Odelso. **A doutrina do cooperativismo nos tempos atuais**. São Leopoldo: Editora Unisinos / CEDOPE, 1993.

TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama educa!** São Paulo: Integrare Editora, 2005.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: novos paradigmas da educação**. 18 ed.rev. e atual. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

VYGOTSKY, Leon. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1989.

